



Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

Impactos Comunicacionais da Cibercultura na Contemporaneidade



Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

Impactos Comunicacionais da Cibercultura na Contemporaneidade


Atena
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
134	<p>Impactos comunicacionais da cibercultura na contemporaneidade [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-769-7 DOI 10.22533/at.ed.697191111</p> <p>1. Comunicação social. 2. Computadores e civilização. 3. Tecnologia da informação. I. Silva, Marcelo Pereira da. CDD 303.483</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Cibercultura ganhou relevância nas investigações sobre informação, usabilidade, comunicação, interatividade, redes e atores sociais “on-line” em todo o planeta. Essa cultura emergente surge com base nos avanços tecnológicos e técnicos que possibilitam a construção de novas socialidades, rearranjando a estrutura das relações entre diferentes sujeitos, nós e conexões.

Esse universo constrói uma ecologia e uma inteligência cognitiva, influenciando as medições sociais, políticas, culturais, religiosas, organizacionais, etc. É inegável a existência de um ciberespaço que se caracteriza por sua natureza incontável, dada a profusão de opiniões, acessos, expressões, diálogos, embates, etc., gerando uma cultura peculiar que segue em constante evolução.

Nesse sentido, este livro considera as múltiplas plataformas de mídia digital cruciais no erigir de um novo tempo e espaço no qual todos estamos inseridos. A comunicação e a democracia são duas faces de uma mesma moeda e as redes da Internet são o epicentro da legitimação da participação, colaboração e interação entre sujeitos, organizações e estados. A influência dos atores/usuários das mídias digitais é uma realidade sem volta, mas possui suas aporias, premência de uma sociedade mediatizante e consumista.

Em um mundo aberto no qual cada sujeito quer ter o direito e a liberdade de manifestar opiniões a respeito de tudo – e de todos –, as redes digitais são um habitat propício para tensionamentos e diálogos, já que distribui e compartilha as malhas de poder, antes concentrado nas mãos dos grandes conglomerados de comunicação e vincado no modelo “de um – para muitos”, possibilitando maior participação e legitimando o modelo de comunicação “de muitos – para muitos”, o qual é síncrono e independente das distâncias geográficas.

Os artigos que compõem esta obra levam em conta que a cibercultura provoca mudanças seminais no ambiente comunicacional, informativo e de interatividade, afetando rigorosamente as diretrizes de construção de significados e as relações de poder, haja vista sua complexidade sociotecnológica, cultural e as novas socialidades que constitui.

Os autores que perfilam por este livro apresentam temáticas que problematizam as relações de consumo, o cyberbullying, jogos digitais, comportamento de usuários, etc., no contexto de uma cultura digital, por meio de diferentes campos teórico-metodológicos. Debruçam-se sobre o cenário atual da cibercultura, convidando-nos à análise de suas vantagens, mas, também, de seus efeitos colaterais, os quais se enleiam, umbilicalmente, à ambivalente sociedade contemporânea.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
APONTAMENTOS SOBRE O IMAGINÁRIO DA CIBERCULTURA	
Pablo Fabião Lisboa	
DOI 10.22533/at.ed.6971911111	
CAPÍTULO 2	14
O SITE DE REDE SOCIAL RECLAME AQUI: A EMERGÊNCIA DO CONSUMIDOR CONTEMPORÂNEO E OS DESAFIOS DA CONVIVÊNCIA	
Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6971911112	
CAPÍTULO 3	26
ANÁLISE DE UM CANAL MIDIÁTICO ENQUANTO FORMADOR DE IMPRESSÕES E COMPORTAMENTOS EM USUÁRIOS	
Edson Fernando Sabadin da Silva	
Damaris Ferreira Hipólito	
Anita Teixeira de Mendonça	
Cristiane Moreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6971911113	
CAPÍTULO 4	37
CYBERBULLYING: O PROBLEMA E UMA OPORTUNIDADE PARA REFLEXÃO	
Gabriel Santos Pereira	
Rodrigo Neris Ferreira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.6971911114	
CAPÍTULO 5	48
A SEMIÓTICA E A PERCEPÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NAS REDAÇÕES DO ENEM: UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE INTERAÇÃO DO ALUNO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Vânia Warwar Archanjo Moreira	
José Bernardo de Azevedo Junior	
DOI 10.22533/at.ed.6971911115	
CAPÍTULO 6	60
MOTIVAÇÕES DAS FAKE NEWS E A MANIPULAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA- ANÁLISE DAS NOTÍCIAS COMPARTILHADAS EM JULHO/2017 PELO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) EM SUA FANPAGE NO FACEBOOK	
Ivanilce Santos Oliveira	
Tamiris Artico	
DOI 10.22533/at.ed.6971911116	
CAPÍTULO 7	68
TEMPORALIDADES EM JOGOS DIGITAIS: UMA BREVE ARQUEOLOGIA	
Ednei de Genaro	
Gustavo Denani	
DOI 10.22533/at.ed.6971911117	

SOBRE O ORGANIZADOR	84
ÍNDICE REMISSIVO	85

CYBERBULLYING: O PROBLEMA E UMA OPORTUNIDADE PARA REFLEXÃO

Gabriel Santos Pereira

Universidade de Brasília - UnB (Brasil),
Departamento de Ciência da Computação (CIC)
Brasília/DF

Rodrigo Neris Ferreira Cardoso

Universidade de Brasília - UnB (Brasil),
Departamento de Ciência da Computação (CIC)
Brasília/DF

OPPORTUNITY FOR REFLECTION

ABSTRACT: With the increasing use of information technology and digital media, discussing both its harm and its benefits is of utmost importance to know how interpersonal relationships are engendered through the Internet and its related problems. Cyberbullying is one of these issues that deserves attention, as it has been widely practiced among young people who use the Internet to relate. With this article, we propose a general reflection on everything that is allowed or the topic to better understand how to deal with it.

KEYWORDS: Bullying, Cyberbullying, Digital Media, Interpersonal Relations, Social Networking.

RESUMO: Com o crescente uso das tecnologias de informação e das mídias digitais, debater seus malefícios e benefícios é de extrema importância para sabermos como as relações interpessoais se dá via internet e os problemas a elas relacionados. O *cyberbullying* é um desses problemas que merece destaque pois vem sendo bastante praticado entre jovens e adolescentes que fazem uso da internet para se relacionarem. Com esse artigo, propomos uma reflexão de forma geral sobre tudo que permeia o tema para entendermos melhor como lidar com esta prática.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying, Cyberbullying*, mídias digitais, relações interpessoais, redes sociais.

1 | INTRODUÇÃO

1.1 Nascimento da pesquisa

A iniciativa de escrever sobre *Cyberbullying: o problema e uma oportunidade para reflexão*, surgiu no decorrer da disciplina de Informática e Sociedade, do Departamento de Ciência da Computação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para à concessão de créditos da disciplina. Essa disciplina é destinada tanto aos alunos de bacharelado como os de licenciatura,

CYBERBULLYING: THE PROBLEM AND AN

respectivamente Ciência da Computação e Computação. Na disciplina, alunos e professora, refletiram e debateram assuntos relacionados à informática e à sociedade contemporânea, bem como a influência mútua entre elas. Assim, ampliados os conhecimentos sobre usos diversos da informática nas práticas sociais e seus efeitos visíveis e invisíveis, diretos e indiretos, alardeados e camuflados, esperados e colaterais, nasce essa pesquisa.

A escolha do tema deve-se ao fato do *cyberbullying* ser um problema recorrente e crescente na medida em que o uso das mídias digitais se torna cada vez mais constante e inevitável por toda a sociedade. Além disso, o *cyberbullying* é um problema que está sujeito a todo e qualquer usuário das tecnologias de informação e comunicação.

Dentre os objetivos: levantar uma revisão teórica dos estudos que já foram feitos sobre o *cyberbullying* para entender-se de forma mais objetiva suas causas e consequências, além de compreender como esse se engendra entre os indivíduos. Trazer empatia e causar sensibilidade aos leitores-usuários das redes para esse problema, que pode servir como entrada para possíveis problemas psicossociais mais graves para as vítimas. Fazer um levantamento das legislações existentes que tratam do assunto informando de forma mais explícita às vítimas como se defenderem e que medidas tomar caso sofram esse tipo de agressão.

Sendo assim, tratar o assunto é importante no sentido de se definirem contramedidas e auxiliar os indivíduos a fim de se ter uma melhor convivência nas redes e meios informáticos.

2 | METODOLOGIA

Para a obtenção dos resultados, foi utilizada a metodologia de pesquisa bibliográfica. Na pesquisa bibliográfica, procura-se trabalhar com os ensinamentos dos livros, além de outras fontes, como revistas, artigos, trabalhos acadêmicos, que podem vir a servir para compilar os saberes e finalizar com a elaboração de um texto (VELOSO, 2011).

A pesquisa é de abordagem qualitativa, que segundo Gonsalves (2011), tem o ambiente natural e o pesquisador seus instrumentos fundamentais. Configura-se como estudo de caso e exploratória. Estudo de caso porque se ocupou em compreender e interpretar o fenômeno, que leva em consideração o significado que os outros dão às suas práticas. E segundo a mesma autora, é um estudo empírico, que analisa um fenômeno dentro do seu contexto de realidade, utilizando de várias fontes de evidência. É também exploratória, porque tenta elucidar e se aproximar da realidade dos extensionistas, porém é um início de pesquisa, que incita aprofundamentos futuros.

3 | BULLYING

O *bullying* é muito mais do que uma simples expressão ou brincadeira de mau gosto; é um problema presente por todo o mundo. Nos últimos anos, diversas pesquisas e estudos têm sido feitos nas diferentes áreas do saber e, por meio destas, constata-se que a vítima do *bullying* pode desenvolver sérios problemas psicossociais. Pesquisa recente feita pela ONU em 2016 com 100 mil crianças e jovens de 18 países mostrou que, em média, metade deles sofreu algum tipo de *bullying* por razões de aparência física, gênero, orientação sexual, etnia ou país de origem. No Brasil, esse percentual é de 43%. A pesquisa também revelou que tanto as vítimas como os perpetradores desse tipo de violência na infância sofrem em termos de desenvolvimento pessoal, educação e saúde, com efeitos negativos persistindo na vida adulta.

Ainda são incipientes, medidas que combatam de maneira 100% direta e eficiente o *bullying* na sociedade. Isto porque, embora conhecido, na maioria das vezes as vítimas não revelam estarem sofrendo os maus tratos, seja por medo dos agressores, seja por concordarem com os “motivos” das ofensas e intimidações. Além disso, observa-se que o *bullying* é um fenômeno complexo que adquire múltiplas formas, tornando-o ainda mais difícil de se esclarecer.

O termo “*bullying*” surgiu a partir do inglês *bully*, palavra que significa “brigão” ou “valentão” em português. Segundo Cléo Fante (2005) *bullying* refere-se aos comportamentos violentos e antissociais na escola, e a vontade constante de colocar outra pessoa sob tensão e intimidá-la física e emocionalmente. De acordo com Lamarca (2013) o *bullying* é definido de forma mais geral como “um tipo de violência que pode ser expressa através de atos, palavras ou comportamentos que são manifestados de forma intencional e repetitiva, contra uma ou mais vítimas, geralmente determinadas em função de características físicas, sociais, culturais, entre outros”.

Verifica-se ainda que o *bullying* ocorre geralmente em ambientes escolares, onde o convívio interpessoal é dinâmico e frequente. Por isso, o foco de pesquisas em cima do tema é em grande parte nesse âmbito. No entanto, pode ocorrer em outros contextos no qual haja interação entre pessoas como família, local de trabalho, universidades etc. Em geral, é dividido em duas categorias, pois identifica-se diferenças entre a prática por meninos e meninas. Deste modo, há o ***bullying direto*** e o ***bullying indireto***. O *bullying* direto é a forma mais comum entre indivíduos do sexo masculino, caracterizando-se por agressões físicas (tapas, empurrões, chutes, extorsão de dinheiro) e verbais como insultos, apelidos ofensivos e comentários racistas. Já o *bullying* indireto é mais comum entre meninas (e crianças) que objetivam por meio dos seus atos levar ao isolamento social do sofredor. Isso é feito via ataques morais, como, por exemplo, espalhar fofocas e inventar mentiras que dizem respeito à vítima. Apesar disso, estudos indicam que o *bullying* direto vem

ganhando cada vez mais espaço entre as mulheres jovens, que veem apresentando os mesmos comportamentos agressivos como forma de demonstrar poder. (FANTE, 2011)

Situações de *bullying* envolvem sempre três autores: o agressor (que vitimiza os mais fracos), a vítima (que sofre o *bullying*) e o público (que presencia os maus-tratos, mas na maioria das vezes faz “vista grossa” por medo de vir a se tornar uma outra vítima). A vítima pode ser classificada em três tipos: vítima típica, vítima provocadora e vítima agressora. A vítima típica é aquela que serve de bode expiatório para um agressor ou grupo de agressores. A provocadora gera reações com as quais não possui habilidades para lidar. Já a vítima agressora é aquela que reproduz os maus-tratos sofridos, contribuindo para a perpetuação do *bullying*.

O primeiro a relacionar a palavra “*bullying*” a um fenômeno foi o norueguês Dan Olweus, no fim da década de 1970. Ao estudar as tendências suicidas crescentes entre adolescentes, o pesquisador descobriu que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e que, portanto, o *bullying* era um mal a ser combatido de imediato. Os resultados de sua pesquisa foram publicados em um livro sueco em 1973 e posteriormente nos Estados Unidos, em 1978, sob o título *Aggression in the Schools: Bullies and Whipping Boys*. Em seu trabalho Olweus estabelece três critérios fundamentais para que se possa identificar corretamente casos de *bullying* no ambiente escolar. São estes: ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; e ausência de motivos que justifiquem os ataques.

Muitos casos de violência e suicídios em ambientes escolares têm sido registrados nos últimos tempos, e todos eles estão ligados, na maioria das vezes, a casos de *bullying*, tanto no mundo real quanto no mundo virtual (*cyberbullying*). Devido a esses inúmeros e catastróficos incidentes, originou-se o termo “bulicídio” (*bullycide* em inglês), que foi utilizado pela primeira vez em 2001, por Neil Marr e Tim Field no livro *Bullycide: Death at Playtime*. A expressão refere-se a um suicídio e/ou assassinato atribuído a uma pessoa que sofreu *bullying* ou *cyberbullying*. Vários casos desse tipo ocorreram nos Estados Unidos, principalmente no ano de 2010, e serviram de “exemplo” para posteriores acontecimentos no Brasil e no mundo. Contudo, de acordo com o *Centro Nacional contra o Bullying da Austrália* (NCAB, na sigla em inglês) as taxas globais de ocorrência do *bullying* tem diminuído. Em contrapartida, com a crescente informatização do mundo, o *bullying* virtual (*cyberbullying*) tem se tornado mais usual, que, por ocorrer de forma mais velada, propicia um ambiente “favorável” e contínuo aos agressores. As características dessa mais “nova e sofisticada” forma de *bullying* será vista nos tópicos seguintes.

Ainda nesse âmbito escolar, em um contexto brasileiro, sabe-se que bons alunos, aqueles que se saem bem nas disciplinas, tendem a não se envolver com o *bullying*. Por outro lado, as principais vítimas dessa prática são os maus alunos que também tem desempenho ruim em atividades físicas e sociais. Já aqueles que

praticam as agressões são bem apenas nessas atividades extraclasse, não obtendo bons desempenhos nas disciplinas regulares. Essas e outras informações estão presentes na pesquisa do professor José Leon Crochik, que deu origem ao livro “Bullying, Preconceito e Desempenho Escolar: Uma Nova Perspectiva” (Benjamin Editorial, 2017). Esse estudo ainda se encontra em andamento, com previsão de conclusão para início de 2019. Com ele, acredita-se que ficará mais claro como o fenômeno (bullying) ocorre em nossa sociedade, bem como suas características e principais causas. Dessa forma, facilitar-se-á a promoção de contramedidas mais efetivas para o combate ao bullying no ambiente escolar.

4 | WORLD WIDE WEB

4.1 Redes Sociais

A comunicação é uma característica intrínseca ao homem enquanto ser social desde muito tempo. Hoje, com a presença e uso contínuo das redes sociais na internet, a interação entre os indivíduos tornou-se ainda melhor, pois com elas quebrou-se as barreiras espaciais existentes por todo o mundo.

Entretanto, a concepção de “redes sociais” é algo mais antigo do que a própria internet. Desde sempre, houve a necessidade de comunicação e as redes sociais são um singular mecanismo que o homem tomou posse para que essa interação fosse alcançada.

As redes sociais são como estruturas sociais, formadas basicamente por pessoas e organizações, conectadas por alguns ou vários tipos de relações, que compartilham de um mesmo interesse. Vale salientar uma importante característica das redes sociais que decorre de sua definição, que é conhecida como “abertura”, ou seja, as redes sociais possibilitam relacionamentos horizontais, relacionamentos onde não há hierarquia. Deste modo, uma rede não precisa ter uma conexão direta com o mundo virtual para que ela possa existir e quando estão em âmbito virtual são denominados *sites de rede social*.

“Uma rede social pode ocorrer em locais inimagináveis e não precisa de conexão direta com o mundo digital. E foi a essa condição de rede, que ocorreu a apropriação via sites, os quais são chamados de sites de rede social (MORAES, 2016).”

Na atualidade, existem diversas redes sociais, tais como: Facebook, Instagram, LinkedIn, Twitter, WhatsApp, Messenger, Youtube, Snapchat, Google+, Pinterest, etc. O Facebook, há anos, é a rede social com maior popularidade a nível mundial, seguido por suas recentes aquisições (WhatsApp, Instagram e Snapchat).

Tendo consciência dessa grande influência que as redes sociais tem nos dias de hoje e que praticamente tudo que se faz no mundo real está sendo largamente agregado ao mundo virtual foi necessário que se criassem regras de uso e políticas

de privacidade para que o uso destas seja seguro e confortável para todos e quaisquer tipos de usuários. Assim, surgiram os Padrões das Comunidades ou Diretrizes Comunitárias. Essas diretrizes se esforçam para garantir segurança aos seus usuários durante a navegação e também procuram nos ajudar a entender quais são os tipos de conteúdos apropriados para compartilhamento e quais não são, assim alguns conteúdos poderão ser denunciados e removidos. Vale a pena ressaltar que algo que pode ser desagradável ou perturbador para alguém pode não violar as diretrizes comunitárias.

Certamente, coisas que fazemos no mundo real estão migrando para o mundo virtual, e com o *bullying* esse fenômeno migratório não poderia ser diferente. Por isso, fez-se necessário que as redes sociais se adequassem a essa questão social. Através de suas regras comunitárias, buscam tratar do (*cyber*)*bullying* de maneira específica destacando que práticas de *bullying* ou assédio não serão toleradas e a remoção de publicações dessa natureza agressiva será imediata. Ademais, em casos de assédio ou *bullying*, as redes sociais recomendam que haja o bloqueio e a exclusão do agressor da sua rede de amigos na própria rede social. Já em casos mais sérios, recomenda-se que haja a denúncia para a própria rede social em questão para que esse usuário que está agindo de maneira inadequada tenha sua conta removida. Também é indicado que conversem e comuniquem seus pais/responsáveis caso esteja sendo vítima de *bullying* no ciberespaço.

Felizmente, algumas redes sociais vão além de orientação em suas regras de uso. O Facebook por exemplo, se dedica a tentar dar suporte a adolescentes, pais e professores que estejam em busca de informações sobre como agir em casos de *cyberbullying*, como começar um diálogo com uma pessoa que esteja sofrendo desses tipos de agressões, como os pais podem agir se tiverem um filho sofrendo ou praticando o (*cyber*)*bullying* e para educadores que tiveram ou tenham alunos envolvidos com a prática do *cyberbullying*. O Twitter por si só está sempre em busca de melhorar a convivência em seus domínios, com ajuda de ONG's, instituições acadêmicas e profissionais de segurança. Também disponibiliza funções para que a navegação possa ser mais tranquila, por meio das quais se pode filtrar que tipos de conversas ou palavras se deseja ver. Já o Instagram possui parcerias com ONG's que tratam de assuntos relacionados ao *cyberbullying*.

É certo concluir que, as redes sociais têm noção que o *cyberbullying* é um problema evidente e buscam formas de conscientizar todos os personagens envolvidos nessa prática. Todavia, as recomendações passadas por elas não têm caráter proativo, pois são sugestões que na maioria das vezes não são utilizadas, seja por medo, seja por quaisquer que sejam os traumas físicos e psicológicos já causados na vítima. Portanto, é questionável se as políticas de uso e regulamentação dessas redes são de fato efetivas para combater casos de *cyberbullying*, visto que o problema deve ser tratado o quanto antes, evitando assim que se compartilhe os conteúdos agressivos ainda mais pelas redes.

4.2 Cyberbullying

Com o advento da internet eliminou-se as barreiras sociais e espaciais presentes no mundo físico, tornando facilitada a comunicação de pessoas de diferentes lugares e culturas, principalmente devido às redes sociais, como já visto. A partir daí o desenvolvimento e uso de grandes tecnologias tornou-se eminente. E hoje, portanto, é corriqueira a informatização de hábitos humanos, estes cada vez mais substituídos e/ou facilitados pelas inovadoras tecnologias de informação e comunicação.

Como visto anteriormente, o *bullying* é uma forma de intimidação incessante, psicológica e física, que atinge a integridade, honra e autoconfiança da pessoa agredida. Nas mídias virtuais o fenômeno é chamado *cyberbullying* e é perpetrado via os meios digitais, tais como redes sociais, telefones, *e-mail*, etc. Por não englobar ataques físicos como o *bullying* direto, o *cyberbullying* é muitas das vezes considerado como menos danoso às vítimas. Entretanto, pode ter consequências tão ou ainda mais graves que o *bullying* físico.

Belsey (2004), foi um dos primeiros estudiosos a tratar esse tipo de violência virtual. Em seus trabalhos, define o *cyberbullying* como:

“o uso de informações e de tecnologias de informação, como e-mail, celular, aparelhos e programas de envio de mensagens instantâneas e sites pessoais, com o objetivo de difamar ou apoiar de forma deliberada comportamentos, seja de indivíduo ou de grupo, que ofendam, de alguma forma, a outros indivíduos.”

Outros autores declaram que a comunicação eletrônica e suas ferramentas, como tablet, computador, smartphone e celular, acabam por proporcionar um diferente tipo de interação social, que acaba por expandir, fortalecer, e diferenciar a forma como os jovens de hoje em dia se comunicam. Defendem ainda que ao ocorrer em um novo ambiente, esse fenômeno se torna muito diferente do *bullying* presencial, onde acaba por crescer e se modificar ao surgimento de novos meios de comunicação.

Já outros estudiosos afirmam que *bullying* e *cyberbullying* são o mesmo fenômeno, e a diferença está apenas no meio em que ocorrem. Um no meio físico, outro no virtual. Todavia, uma característica do *cyberbullying* que o faz diferente do *bullying*, é a sua continuidade extrema e a dificuldade de sair dessa situação. Isso porque, diferentemente do *bullying*, que ocorre em um certo “tempo definido”, no *cyberbullying* a vítima fica à mercê das ofensas em todo o lugar e a qualquer momento. Além disso, os agressores no ciberespaço podem atuar muitas das vezes de forma anônima ou se passando por outra pessoa, o que torna difícil a real identificação destes.

Outra característica, e uma das mais debatidas sobre o tema *bullying* de forma geral, são as questões de gênero. Shariff (2011) caracteriza uma série de diferenças de gênero no modo como indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino se envolvem com o *cyberbullying* e constata que estas estão intimamente atreladas a

cultura e crenças dos seus países de origem.

Uma terceira e última característica que diferencia ambas as situações, refere-se à repetição. Essa problemática está relacionada a forma como as percepções do agressor e da vítima se operacionalizam na internet.

Li, Cross & Smith (2012), em uma perspectiva internacional, mostram que os efeitos do *bullying* virtual são tão graves quanto o *bullying* presencial. As vítimas estão propensas a tensões, uso de drogas e a cometer suicídio. Além disso, podem sofrer depressão, tanto as vítimas como os agressores. Tendo em vista essas e outras consequências, discorreremos a seguir sobre atos preventivos, bem como a legislação que trata contra e ante situações de *cyberbullying*.

4.3 Legislação

No dia 09 de novembro de 2015, foi publicada a Lei nº 13.185/15 que instituiu o programa de combate à intimidação sistemática (*Bullying*)

“Considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015).”,

tendo como principais objetivos a prevenção e o combate a prática da intimidação sistemática em toda a sociedade, assim como, evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança do comportamento hostil. É importante salientar o caráter não punitivo dessa lei, uma vez que ela não garante penalidades para quem cometa essa agressão. O principal intuito dessa lei, portanto, é destacar o dever, principalmente das escolas, de assegurar meios para conscientizar, prevenir, diagnosticar e combater a violência e a intimidação sistemática.

Diante disto, nos surge o questionamento: então como punir de forma adequada os agressores praticantes de *bullying*? Quando ocorre o caso em que os envolvidos são menores de idade (menores de 18 anos), o mais aconselhável é que, juntamente com pais/responsáveis, professores e diretores, tentem resolver toda a situação com uma conversa franca e definitiva para que o problema não volte a se repetir, porém, dependendo da gravidade da agressão, o autor da mesma deverá ser punido com medidas socioeducativas proporcionais ao ato praticado. Em contrapartida, se o agressor for maior de idade (maior de 18 anos) e dependendo do potencial do ataque, ele será punido com base em leis já previstas no Código Penal Brasileiro e no Estatuto da Criança e do Adolescente, tais como: calúnia(art.138), difamação(art.139), injúria(art.140), constranger(art.146), ameaçar(art.147), artigo 5º - Lei 8069/90 e artigo 17º - Lei 8069/90.

5 | DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *bullying* cibernético, chamado *cyberbullying* segue as atualizações das redes, isto é, uma vez que a tecnologia é atualizada, a forma do *bullying* virtual também à segue, aplicativos como Formspring, que foi lançado no mercado em 2009, foi pioneiro de uma longa lista de aplicativos de comentários semianônimos, como os subsequentes Ask.fm, Yik Yak, After School, Secret e o mais recente Sarahah. Todos com a semelhança de oferecer ao usuário a sedutora oportunidade de averiguar o que as pessoas pensam “realmente” dele, combinada com a tentação ao emissor de ser brutalmente cruel com alguém que “mereceu”.

As opiniões dos adolescentes se dividiam naquelas que culpavam os assediadores por enviarem “ódio” e as que culpavam principalmente o receptor por registrar-se no serviço. Alguns afirmam que as pessoas que se queixam do assédio nos sites anônimos não deveriam estar na Internet se são tão sensíveis, e que não deveriam se surpreender que nem todos os comentários sejam positivos.

Essa culpabilização das vítimas não leva em consideração a enorme ânsia dos jovens em obter a validação social de seus pares, que infelizmente é mais recorrente entre os que já não se encaixam e os que já sofreram ou/e sofrem assédio.

Em sua obra sobre as adolescentes *Odd Girl Out*, Rachel Simmons (2002) descreve o desejo de confirmar o próprio valor social como um “ciclo tóxico que se auto reforça”. Os aplicativos em que o anonimato é unilateral, como o Sarahah, seduzem os usuários com a promessa de que obterão o reconhecimento de seus iguais. Mas os comentários podem ser especialmente ofensivos porque vêm de pessoas que conhecem bem os usuários. Sabem de quem você gosta, que roupa vestiu na festa, o que disse, e podem usar tudo isso contra você.

Não devemos lidar com o *cyberbullying* depois que o estrago já foi feito e as consequências desse ato já estão evidentes e vidas podem ser perdidas por causa dessas “brincadeiras”. Essa forma de combate ao *cyberbullying* diretamente em sua origem, antes que o pior aconteça, foi uma ideia trazida à tona por Trisha Prabhu.

Trisha nasceu no estado de Illinois, Estados Unidos. Quando tinha seus 13 anos, viu uma notícia que a deixou muito chocada, provocando-lhe muita indignação. Ela havia visto na televisão um fato sobre o suicídio de uma garota mais nova do que ela, suicídio esse causado por conta de excessivos casos de *cyberbullying* que ela havia sofrido. A partir daí, Trisha sabia que não poderia ver casos como esse se repetindo cada vez mais, sem que fizesse nada. Então aí começava uma jornada exploratória em busca de tentar solucionar esse problema.

Logo ela percebeu que as medidas tomadas por autoridades, redes sociais, escolas e órgãos onde se deve haver essa discussão tinham a ideia de solucionar os problemas do *bullying* depois que a agressão já havia ocorrido ou até passando para a vítima o fardo de tentar pôr um fim nos ataques.

Em sua pesquisa, ela percebeu que os adolescentes eram mais propensos

a mandarem mensagens de ódio sem que pensem se aquela mensagem pode ou não causar um mal irreparável. Portanto, por que não dar uma segunda chance ao adolescente de repensar sua decisão? Trisha então desenvolveu o Rethink - Uma tecnologia que detecta e previne o *cyberbullying* em sua origem, antes que o ato de *Bullying* ocorra, antes que o estrago esteja feito.

Quando um adolescente tentar enviar uma mensagem cheia de ofensas em qualquer que seja a mídia social o ReThink usa sua sofisticada tecnologia de filtragem sensível ao contexto para determinar se mensagem é ofensiva ou não, e assim, o adolescente ganha uma nova chance de não enviar uma mensagem que pode machucar alguém. Testando a efetividade de seu aplicativo, ReThink mostrou que em 93% dos casos desistem de publicar ofensas nas redes sociais quando são alertados que poderão machucar alguém com aquele recado de cunho agressivo.

Essa pesquisa conseguiu reduzir, em média, a vontade de um jovem de postar uma mensagem ofensiva de 71% para 4%. ReThink é a única solução proativa para tentar prevenir atos de *cyberbullying* antes que a vítima sofra qualquer dano. ReThink interrompe o *cyberbullying* na raiz do problema, antes que mensagens dolorosas se espalhem pela internet. Na busca de causarmos empatia e sensibilidade ao leitor, acreditamos que exemplos como o de Trisha são uma das maiores fontes de inspiração e assim, cada vez mais, teremos pessoas dispostas a mudar o mundo, seja em qual for a situação.

REFERÊNCIAS

BBC. **Suicídio de garota-propaganda mirim após bullying choca Austrália**. BBC NEWS Brasil, 2018. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/salasocial-42633362>> Acesso em: 28 jan. 2018.

BELSEY, B., (2004). **What is cyberbullying?** - Web page - Bullying.org Canada Incorporated Disponível em: <http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_Information.pdf>. Acesso em 05 de maio de 2013.

BRASIL. **Decreto n. 2.848**, de 07 de dez. de 1940. Não há crime sem lei anterior que o defina. Não há pena sem prévia cominação legal, Brasília, DF, dez 1940. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em: 19 jan. 2018.

BRASIL. **Decreto n. 8.069**, de 13 de jul. de 1990. Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente., Brasília, DF, jul 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm>. Acesso em: 19 jan. 2018.

BRASIL. **Decreto n. 13.185**, de 09 de nov. de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying), Brasília, DF, nov 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: 19 jan. 2018.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 6 ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2011.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre: Iniciação à Pesquisa Científica**. Aliena, Campinas, São Paulo: 2011.

LAMARCA, Thaysa Eiras. **A Atuação do Psicólogo frente ao Bullying no Contexto Escolar**. Centro Universitário São José de Itaperuna, Rio de Janeiro, 2013.

MORAES, Pâmela Andrade de. **“O advento das redes sociais e seu impacto no interior.”** (2016).

ONU. **Pesquisa da ONU mostra que metade das crianças e jovens do mundo já sofreu bullying**. Nações Unidas Brasil, 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pesquisa-da-onu-mostra-que-metade-das-criancas-e-jovens-do-mundo-ja-sofreu-bullying/>> Acesso em: 31 jan. 2018.

SHARIFF, S. (2011) **Cyberbullying: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família**. Porto Alegre: Artmed.

SIMMONS, Rachel. **Odd girl out: The hidden culture of aggression in girls**. Houghton Mifflin Harcourt, 2002.

VELOSO, Waldir de Pinho. **Metodologia do Trabalho Científico: Normas técnicas para redação de trabalho científico**. 2ª edição. Curitiba: Juruá Editora, 2011.

SOBRE O ORGANIZADOR

MARCELO PEREIRA DA SILVA - Pós-doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, desenvolvendo o projeto intitulado: “Ecologia da Comunicação Organizacional – consumidores, instituições e públicos de afinidade nas redes sociais virtuais: interatividade, decepção, convivência e conflitualidade” (2018). Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo na linha de pesquisa Comunicação Institucional e Mercadológica, defendendo a tese: “A comunicação corporativa e o discurso do consumidor contemporâneo nos sites sociais de reclamação: decepção e coabitação na rede – desafios e oportunidades” (2016). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, apresentando a dissertação: “Sentidos de Brasil na imprensa argentina – A teia noticiosa do periódico *Clarín* (2009). Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (2003). Atualmente, é docente permanente do Mestrado Interdisciplinar em “Cultura e Sociedade”, do Mestrado Profissional em Comunicação e do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Luís. É diretor da Assessoria de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, coordenando os Núcleos de Relações Públicas e Cerimonial, Rádio e TV, Web Jornalismo e Produção Visual e Publicidade desde agosto de 2018. Coordena o Grupo de Pesquisa ECCOM – Ecologia da Comunicação Organizacional na Universidade Federal do Maranhão. É organizador dos e-books: “A Influência da Comunicação”, “Comunicação, Mídias e Educação 2” e “Comunicação, Mídias e Educação 3” pela Atena Editora.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise de conteúdo 60

Arqueologia 67, 68

B

Bullying 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47

C

Cibercultura 1, 2, 6, 9, 10, 12, 24, 25, 26, 48, 49, 58, 60

Comunicação 10, 12, 14, 15, 16, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 38, 41, 43, 48, 50, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 75, 84

Conexão 4, 10, 25, 41, 52, 57, 58, 77

Consumidor 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 71, 72, 75, 77, 79, 80, 84

Consumo 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 69

Contemporaneidade 15, 20, 82

Convivência 15, 22, 24, 38, 42, 84

Cyberbullying 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47

D

Discurso 5, 25, 36, 50, 58, 59, 62, 63, 67, 68, 84

F

Fake News 60, 61, 65, 66

I

Imaginário 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 36, 59

Impressões 26, 27, 30

Interação 16, 18, 23, 24, 36, 39, 41, 43, 55, 58, 69, 73, 75

Interatividade 6, 19, 84

J

Jogos digitais 68, 69, 70, 72, 75, 79, 80

L

Legislação 44

M

Manipulação 9, 57, 63
Mídias digitais 19, 37, 38
Mito 1, 2, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13
Mobile 68, 76, 77, 79, 80, 81

N

Notícia 45, 60, 61, 62, 65, 66

O

Opinião Pública 60, 61, 62, 63, 64, 65

R

Reclame AQUI 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24
Redação 47, 48, 49
Rede social 1, 11, 14, 15, 16, 41, 42, 61

S

Semiótica 48, 49, 50, 51, 53, 54, 56, 57, 58, 59
Sentidos 23, 25, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 73, 84
Significados 2, 4, 5, 6, 11, 29, 50, 51, 52, 53
Simcity 81
Sites de reclamação 14, 15, 22

T

Técnica 2, 7, 48, 64
Tecnologia 2, 7, 9, 22, 32, 36, 45, 46, 48, 50, 58, 70, 72, 74, 75, 76, 80
Temporalidade 52, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 79, 81

U

Usuário 14, 28, 38, 42, 45, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-769-7



9 788572 477697